

**Angu de Pagu (60')**  
**Cia Sansacroma**  
**Espaço O LUGAR**

No início, uma bailarina oferece uma bacia com tinta vermelha aos que esperam pelo início do espetáculo, ela mesma molhando suas mãos neste sangue metafórico. Depois, limpa suas mãos e as do público em uma bandeira onde se estampam “foice e martelo”.

Está começando o espetáculo da Cia. Sansacroma, no Espaço O Lugar e esta cena acontece no hall de entrada do espaço cênico, para onde depois se entraria para ver/ouvir/perceber/sentir uma grande história que se pretende contar.

Trata-se da vida de Patrícia Galvão, a Pagu, escritora santista, militante do PCB, mulher da cultura e arte, figura de proa da luta feminista e humanista de nosso estado.

A companhia elege esta história de vida de grande intensidade ética, política e poética para montar um de seus espetáculos, a partir dos traços que a estruturam enquanto grupo da cidade de São Paulo.

Partindo de um trabalho na periferia dos circuitos de formação e difusão da arte, o grupo se constitui em pólo centralizador de processos de inclusão em busca de uma mais ampliada cidadania através da arte, em atividade militante pós-moderna. Tem ainda como origem as matrizes da dança de raízes afro-brasileiras, nem sempre privilegiadas no embate entre formas da linguagem contemporânea dos dias que correm e que o grupo vem colocando em cena em diálogo com estruturas da dança moderna e contemporânea.

Alguns temas de “Pagu”, sobretudo a luta por um protagonismo feminino e daqueles à margem do sistema entrelaçam-se com os temas fundadores

do grupo, e quando esta discussão se concretiza na cena do espetáculo, é onde a obra adquire sua força maior.

Esta força, presente na expressividade dos artistas que a mantém em pé, não consegue, no entanto, apagar a fragilidade de algumas das estruturas coreográficas e dramatúrgicas que se sucedem em cena.

As fragilidades se materializam na pouca experiência dramática apresentada pelos integrantes e na junção de cenas mais teatralmente dramatúrgicas com as dinâmicas coreográficas em si, que apesar de bem executadas, a partir de um grande esforço do grupo, apresentam-se um tanto tradicionais, no âmbito de uma estética moderna.

Desta forma, não se estabelece uma linha de continuidade mais bem elaborada, fracionando-se conteúdos, que necessitariam de mais linearidade para se darem a perceber pela dança, dentro do que parece ser um dos anseios do grupo.

Se não se percebe esta continuidade, algumas vezes o contraste entre cenas funciona de maneira competente, assim como o tratamento dado aos textos trabalhados a partir da biografia de Pagu.

Dada às características do espaço que acolhe a obra ou por uma opção de seus criadores, os intérpretes permanecem em cena o tempo todo, em uma ambiência cênica em que a preocupação com cada elemento que lá está é de muito cuidado.

A importância dada aos detalhes cênicos, que emolduram um palco com elenco em permanente presença traz ao espetáculo a configuração de um ritual moderno, os rituais em si sendo parte integrante das técnicas de origem que subsidiam a dança desta companhia.

A configuração traz ao trabalho uma ambiência dramática específica, a cena aberta apresentando-se como um espaço mais atemporal no qual os fatos bibliográficos vão se apresentando de maneira histórica, como, por

exemplo, uma “Pagu militante” que se sucede a uma Pagu mais feliz com o seu destino.

As fragilidades da obra são compensadas, dentro da trajetória da companhia, pela atitude dos intérpretes que abraçam a proposta, apresentando-se como apaixonados partícipes da assinatura do espetáculo - de sua estrutura e objetivos.

As idéias/ações de Pagu são levadas ao palco como que apropriadas por este tipo de investidora artística, a companhia, sua diretora e coreógrafo compartilhando entre si um ideário moderno de liberdade, protagonismo e ética. E juntos apostam na comunicação que pode se estabelecer entre arte e seus públicos, mediante a circulação de conteúdos específicos.

Neste sentido, a obra poderia ter sido encerrada pela mesma metáfora da bacia onde todos podemos molhar as mãos - de barro, de sangue ou talvez até de água.

Neste último caso, diferentemente de um “lavar de mãos” que signifique descompromisso, talvez pudéssemos compartilhar da metáfora de um “purificar de mãos”, para, com frescor, estabelecer outras alianças e pactos mais humanos.